

obra n° *APÁTRIDAS E PATRIOTAS I	matéria	página	visto	linda n°
	redator/editor VILÉM FLUSSER (AUTOR)			

1 Nasci em Praga e meus antepassados parecem ter habitado a Cidade Doura_

2 da por mais de mil anos. Sou judeu e a sentença "o ano vindouro em Jeru_

3 salém" acompanhou toda a minha mocidade. Embora minha passagem por Lon_

4 dres em 1940 tenha sido curta, ocorreu em época de vida na qual a mente

5 se forma de modo definitivo. Engajei-me, durante a maior parte da minha

6 vida, na tentativa de sintetizar cultura brasileiro a partir de culture_

7 mas ocidentais, levantinos, africanos, indígenas e extremo-orientais, -

8 e isto co

9 e isto continua a fascinar-me. Atualmente em Robion, sul da França, es_

10 tou me integrando no tecido de aldeia provençal, cujas origens se perdem

11 na bruma do passado. Sinto-me abrigado por, pelo menos, quatro línguas,

12 e

13 e isto se reflete no meu trabalho: traduzo e retraduzo constantemente.

14 Eis uma das razões pelas quais me interesso pelos fenômenos da comunica_

15 ção humana. Reflito sobre os abismos que separam os homens e as pontes

16 que atravessam tais abismos, porque flutuo, eu próprio, por cima deles.

17 De modo que a transcendência das pátrias é minha vivência concreta, meu

18 trabalho cotidiano e o tema das reflexões teóricas às quais me dedico.

19 O ensaio seguinte procurará documentar isto.

20 Creio ser importante distinguirmos entre "pátria" (Heimat, pays, domov) e

"morada" (Wohnung, habitation, byt) embora a língua inglesa (home) não fa_

ça a diferença. O homem é animal que habita, mora, mas não é animal patrio_

ta.

tipo	corpo	medida	observações
*Conferência no II Seminário Internacional "Kornhaus", Weiler, agosto/85.			

obra n.º	matéria	página	visto	lauda n.º
	redator/editor			2

1 Tornou-se sedentário apenas com a revolução neolítica. a pátria, a se_
 2 dentariedade é condição à pecuária e agricultura (e do seu avatar, a
 3 indústria) e a época pos-industrial está minando as bases socio-econômi_
 4 cas da sedentariedade. Se considerarmos a relativa brevidade da época pa_
 5 triótica,- 10 mil anos, momento fugaz na duração da existência humana,-
 6 captaremos melhor o fenômeno migratório da atualidade. Este se apresenta_
 7 rá enquanto um emergir penoso a partir das limitações geográficas rumo a
 8 um futuro extra-geográfico: Hinc sunt leones.

9 Nós, os incontáveis milhões de migrantes (refugiados, flagelados, operá_
 10 rios estrangeiros e intelectuais que migram de seminário em seminário) não
 11 somos nem marginais, nem refugio, mas certamente, a vanguarda da humanidade.

12 Os vietnamitas na California, os turcos na Alemanha, os palestinos nos
 13 emirados, os nordestinos em São Paulo, os cientistas poloneses em Harvard
 14 não devem merecer a nossa compaixão, mas são modelos a serem seguidos, por_
 15 que migrar é situação criativa. Uma cultura nômade está raiando e nós que
 16 dela participamos devemos assumir a responsabilidade.

17 Migrar é situação criativa, mas dolorosa. Toda uma literatura trata da re_
 18 lação entre criatividade e sofrimento. Quem abandona a pátria, por necessi_
 19 dade ou opção, sofre, porque mil fios o ligam à pátria, e quando estes são
 20 amputados, é como se intervenção cirúrgica tivesse sido operada. Quando

tipo	corpo	medida	observações

FORM CULTURAL

3

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			

1 | tomei a decisão corajosa de fugir de Praga, vivenciei o colapso do uni-
 2 verso.
 3 verso: é que confundi o meu íntimo com o espaço lá fora. Sofri as dores
 4 dos fios amputados. Mas na Londres dos primeiros anos da guerra,- e com
 5 a premonição do horror dos campos,- comecei a me dar conta de que tais
 6 dores não eram cirúrgicas, mas de parto. Dei-me conta de que os fios cor-
 7 tados me tinham alimentado e que me projetavam para a liberdade. Fui
 8 tomado pela vertigem da liberdade, a qual se manifesta pela inversão da
 9 pergunta "livre de quê" para "livre para quê". E assim somos todos os
 10 migrantes: seres tomados de vertigem.
 11 Os fios que prendem à pátria são misteriosos. São fibras que vão além do
 12 nível da consciência adulta, para penetrarem camadas infantis, fetais,
 13 trans-
 14 trans-individuais, e talvez, trans-humanas. Tais fios inarticuláveis, quan-
 15 do analisados, revelam sua banalidade. Toda vez que como o prato tcheco
 16 "svickova" (carne com molho de nata) sou tomado pelo mistério que os termos
 17 "Heimweh", "nostalgie", "saudade" pretendem. O abandono da pátria permite
 18 tal análise, mas não acaba com o mistério dos fios. Isto porque o lugar
 19 no qual se assentam os fios é o lugar de todos os preconceitos (conceitos
 20 infra-conscientes) e os preconceitos são dificilmente erradicáveis.
 O patriotismo,- esta aceitação e glorificação das camadas fetais que se
 ancoram em determinado lugar geográfico,- aceita e glorifica preconceitos.

tipo	corpo	medida	observações

obra n°	matéria	página	visto	folha n°
	redator/editor			

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Mas quem corta o patriotismo como um nã górdico, e quem o faz por auto-análise e auto-crítica, verificarã o quanto os fios patrióticos o limitam. No primeiro instante, verifica que todas as pátrias se equivalem: todas limitam; e no segundo, verifica que, ao cortar o mistério infra-consciente da pátria abre-se para mistério mais alto e mais profundo: o da existência com os outros face ao Outro. Cortar os nã górdicos dos patriotas escondidos no inconsciente é tarefa que se aprende. Ao terueu cortado do Praga, os meus intestinos se revolviam; ao ter cortado São Paulo, sofri na carne; mas se um dia cortar Robion, será como tomar o carro, carregã-lo de livros e seguir alhures. Max este virtuosismo progressivo da anti-patriotismo não é necessariamente louvãvel: há nele ambiguidade, porque os fios que vou cortando com mestria crescente não são todos negativos. Há fios que prendem a coisas e fios que prendem a pessoas. A distinção é relevante. Os fios que prendem a coisas (como paisagem, clima, alimentação, casas) são inteiramente nefastos, porque sacralizam as coisas, passo a ama-las. Tal confusão ontológica entre algo e alguém é precisamente o que os filôsofos gregos combatiam na magia, e os profetas, ao combater o paganismo. São, pois, indignos os fios que me prendem à pátria enquanto coisa e os símbolos que a representam.

Quanto aos fios que prendem a pessoas, tenho duas experiências opostas:			

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			5

1 Todas as pessoas às quais fui ligado em Praga morreram. Todas. Os judeus
 2 nos campos, os thecos na Resistência, os salemães em Stalingrado. As pess-
 3 oas às quais fui e continuo ligado em São Paulo continuam vivas em sua
 4 maioria. Embora Praga tenha sido mais "misteriosa" que São Paulo, o nó
 5 górdico cortado foi macabramente mais fácil,- porque não é nem existen-
 6 cial nem moralmente admissível que tais fios sejam cortados.

7 Aprendi o seguinte: ao nascer, fui jogado em tecido que me prendeu a pes-
 8 soas. Não escolhi tal tecido. Ao viver, e sobretudo ao migrar, teci eu pró-
 9 prio fios que me prendem a pessoas, e o fiz em colaboração com elas.

10 "Criei" amores e amizades, ódios e antagonismos,- e é por tais fios que
 11 sou responsável. O patriotismo é nefasto porque assume e glorifica os fios
 12 impostos, menosprezando os fios criados. Eis o que importa: não sou res-
 13 ponsável por meus laços de "solo e sangue" ou de vizinhança, mas por meus
 14 amigos e pela mulher que amo.

15 Ser nômade e ser livre, -não por ter-se cortado os fios intersubjetivos,
 16 mas por poder cria-los. Não "livre do quê" , mas "livre para quê".

17 A coisa é mais complexa. Os fios criados se assentam sobre os fios impos-
 18 tos: se não amei minha mãe, como amar a mulher amada? Aprendi que para
 19 poder
 20 poder criar fios intersubjetivos, é preciso assumir os fios impostos.

Não devo reprimir minha condição de praguense, de judeu, de alemão, de

tipo	corpo	medida	observações

NOTA CULTURAL

6

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			6

1 anglo-saxão, de paulistano, de robionense, mas devo assumi-la parazpoder
 2 nega-la e eleva-la ao nível das minhas relações intersubjetivas. Devo po_
 3 der oferecer aos meus outros tais condições, a fim de ser por eles altera_
 4 do e a fim de poder altera-los.. Tarefa difícil,- e a ser empreendida sem_
 5 pre de novo. Eis a razão pela qual não posso ser sionista.

6 Ser livre não é pairar irresponsavelmente por cima da cena; mas assumir
 7 a
 8 a responsabilidade pelos outros aos quais liguei-me. Mas tal responsabili_
 9 dade não deve ser confundida com Cosmopolitismo, Humanismo, Filantropia.

10 Meus outros não são todos os membros da espécie humana: não sou responsá_
 11 vel por mil milhões de chineses, mas por meus "próximos" aos quais me sin_
 12 to ligado. O patriotismo o ignora, mas Platão e o judeo-cristianismo o sa_
 13 be: Platão diz que somos estrangeiros no mundo e que nossa pátria é o rei_
 14 no das Idéias. Em tal reino é que são tecidos os fios que me ligam aos ou_
 15 tros. O judeo-cristianismo diz que fomos expulsos da nossa pátria divina
 16 para o mundo. Os outros, aos quais me ligo, são imagens do Outro. Mistério
 17 mais profundo que o da pátria geográfica é o que cerca o outro. A pátria
 18 do apátrida é o outro.

18 *** *** *** *** ***

19 (Obs: O texto continua. Mas pelo desenvolvimento conclusivo do tema até
 20 este ponto , permite-se a sua publicação . No entanto, por uma questão de
 fidelidade, apresenta-se, em separata, a segunda parte.)

20 fide

tipo	corpo	medida	observações
------	-------	--------	-------------